

## MARIO DE ANDRADE CORRESPONDENTE

Valdemar Valente Junior  
Universidade Castelo Branco/UniverCidade  
[valdemarvalente@gmail.com](mailto:valdemarvalente@gmail.com)

B D G Z Remington,  
Para todas as cartas da gente.  
Eco mecânico  
de sentimentos rápidos  
batidos.  
Pressa, muita pressa.  
Mário de Andrade

**Mário de Andrade correspondente:** A atividade epistolar de Mário de Andrade como resultado de sua dedicação às várias manifestações da cultura. A condição do crítico e estudioso que busca na correspondência referências ao que considera como grande síntese da cultura. A aproximação com os jovens escritores em face do desapontamento com sua geração. A crise pessoal e os momentos finais de sua vida retratados em cartas aos amigos.

**Palavras-chave:** Cartas. Cultura. Arte. Crítica. Geração. Escritores.

**Corresponding Mario de Andrade:** The epistolar activity of Mário de Andrade like result of his dedication to several cultural manifestations. The condition of the critic and studios that searches, in the correspondence references to what consider as the great synthesis of the culture. The approach with the young writers in face of the disappointment with his generation. The personal crisis and the final moments of his life retracted in letters to his friends.

**Key-words:** Letters. Culture. Art. Criticism. Generation. Writers.

### O missivista contumaz

A capacidade de transformar o ritual epistolar em manancial de generosa informação sobre elementos da cultura perpassa boa parte da obra de Mário de Andrade como condão iluminado a dirigir o destino dos escritores mais novos. Em determinado período, o escritor, já maduro, funciona como uma espécie de mediador dos anseios de toda uma geração que busca um lugar no mercado editorial. Esse tempo indica a direção das transformações ocorridas em sua vida pessoal, em decorrência da vinda para o Rio de Janeiro, o que coincide com a decretação do Estado Novo e, pouco depois, o início da Segunda Guerra.

Esquecendo por momentos o folclore nordestino, as cirandas, maracatus e cantigas de boi, deparamo-nos com outro lado do homem, amargurado com as circunstâncias de seu afastamento do Departamento de Cultura de São Paulo, a que tão devotadamente dirige. Vem morar provisoriamente no Rio de Janeiro, na Rua do Catete, esquina da Rua Santo Amaro, no edifício Minas Gerais, onde se queixa das

baratas e do barulho dos bondes, depois, na ladeira de Santa Teresa, numa casa que não existe mais. O chopp e o debate com os amigos na Taberna da Glória ou no Bar da Brahma, na Galeria Cruzeiro, quando as cartelas de papelão se acumulam sobre a mesa, compõem parte da atividade do homem que se doa inteiramente à cultura.

Nesses tempos difíceis, o articulador cultural assume o cargo de professor de Filosofia e História da Arte, na Universidade do Distrito Federal, acrescentando-se a sua múltipla atuação o viés de analista de literatura – haja vista o valor inestimável da coletânea *O empalhador de passarinho* (ANDRADE. 1972<sup>a</sup>.) – e ainda dedica parte de seu tempo à atividade de missivista, servindo-se desse recurso para criar uma feição pessoal de se fazer literatura e exercer a crítica.

Nesse particular foi uma figura pródiga em espalhar os benefícios de sua vasta cultura, resultante de sua condição de profundo estudioso e polígrafo, na busca por inserir-se nos diversos escaninhos do conhecimento. Escrevendo com a modéstia dos que ainda não sabem ou estão por aprender, divide com autores muitas vezes desconhecidos o fruto dadivoso do conhecimento que acumula. As palavras de apoio ou aconselhamento constituem seu verdadeiro papel de crítico que se preserva imune ao veneno da intolerância. As considerações dirigidas a um postulante à condição de escritor são as de um homem mais velho que acredita na transformação, crença embutida na atenção que dedica a juventude. Aspectos de sua correspondência com Fernando Sabino apontam nesta situação:

Olha Fernando, eu não quero desiludir você com minha severidade. Mas eu sou assim mesmo, que hei de fazer! Nos fins do ano passado me falaram uma coisa de uma perversidade que hoje considero deveras maligna, de tanto que tem me prejudicado: que eu era “o animador mais desanimador que existe”. Deve ser difícil aguentar o tranco do meu gostar não-gostista. (ANDRADE. 1981<sup>b</sup>, p. 46.)

O contato com os jovens, a exemplo da nova geração de escritores mineiros, é fruto da vaidade que defende e divulga em seu “Prefácio interessantíssimo” (ANDRADE. 1972<sup>c</sup>), quando afirma ser esta comum aos que se omitem e aos que se expõem. Sua solidariedade com os mais novos contrasta com o tratamento que recebe de poeta preterido de contato epistolar, quando, na juventude, tentara entabular correspondência com o então conceituadíssimo Vicente de Carvalho,

poeta que o despreza dessa pretensão. No fim da vida, o escritor combalido pela saúde precária e pelo excesso de trabalho, aceita com sábia paciência e humildade as questões que lhes são confiadas. É assim que responde a Murilo Rubião, dando conta da situação que o aproxima dos demais escritores por laços de amizade e sobrevivência, em tempos marcados pelas dificuldades da ditadura e da guerra:

Seu artigo teve o dom de continuar essas boas horas, dizendo certo as ideiazinhas que andei dizendo por aí despreocupadamente, sem a menor intenção de deitar doutrina, com a pura intenção de bater papo no meio de gente inteligente. Já os elogios, franqueza: me desagradaram um bocado, porque me repuseram em mim, no literato conhecido, de que muita gente fala e já não se pertence mais apenas a si mesmo. Isso é pau, Murilo, muito pau. (MORAES. 1995, p. 11)

Se levarmos em conta os instantes diversos da vida e da obra de Mário de Andrade, observamos que sua correspondência de natureza mais confessional, bem como a que tende à análise e à crítica, ocorre de modo continuado, servindo para demarcar a transição dos tempos numa espécie de linha divisória representada pela crise política que coincide com o seu declínio como homem. Há uma nítida diferença entre as cartas escritas, por exemplo, a Luís da Câmara Cascudo (ANDRADE. 1991<sup>d</sup>), quando se derrama em seu desejo de desvendar o Nordeste e seu folclore, e conhecer sua gente, num clima de fruição de um mundo de delícias, e a contribuição do escritor definitivo dos anos seguintes, preocupado em injetar na nova geração o ânimo necessário à continuação de uma jornada que já antecipa os sinais de estar chegando ao seu ponto final. Em ambas as situações o escritor se despe de qualquer vaidade.

Os anos de afirmação do Modernismo deixaram como legado uma série de conquistas formais vistas por outro ponto, num segundo momento, o que corresponde à necessidade do escritor discorrer sobre temas emergentes. O esgotamento de certas formas de um realismo-socialismo que se repete leva a uma abertura com relação aos mais jovens, e nisso Mário de Andrade empenha o seu prestígio. Trata-se de despertar uma vitalidade que já não possui, na coragem dos verdes anos, tão necessária ao momento de luta.

As muitas cartas que escreve buscam, na intimidade com os amigos ou na cerimônia com os a quem se dirige, apenas por questões de trabalho, consolidar seu projeto de escritor e artista, na medida em que compõem um enorme quebra-cabeça como peças de sua vasta produção. Em seus muitos contatos pelo correio, oferece subsídios ao aprendizado na troca com figuras importantes. Por sua vez, as cartas de aconselhamento, o que resulta na amizade como os mais jovens, refletem um profundo desencantamento com os descaminhos de sua geração.

### **Amor e amizade**

A passagem de Mário de Andrade pelo Rio de Janeiro é marcada pelo agravamento da situação política brasileira, com o fechamento do Congresso Nacional, em nome de uma ordem autoritária que violenta a Constituição. Comunistas e integralistas são do mesmo modo reprimidos e a situação favorece a configuração de uma ditadura que se sustenta no populismo trabalhista da Era Vargas.

Em decorrência disso, sua aproximação com os rapazes da *Revista Acadêmica* – Murilo Miranda, Lúcio Rangel, Carlos Lacerda e Moacir Werneck de Castro – ajuda a compor um painel desses tempos difíceis. Enquanto se aproxima desse grupo, ocorre um fenômeno curioso com relação aos mineiros com quem se corresponde. Mário de Andrade diminui a correspondência com estes durante os dois anos e pouco que passou no Rio de Janeiro. No entanto, ao findar-se esse lapso de tempo, recupera o contato epistolar com Fernando Sabino, Otto Lara Resende, Paulo Mendes Campos e Murilo Rubião, prezando-se, antes de tudo, o comportamento ético de quem é estimado como escritor e como homem.

Mário de Andrade aproxima-se desses jovens escritores quase como um irmão mais velho. Terminado o período de sua permanência no Rio de Janeiro, de volta a São Paulo, sua correspondência tende a expressar a solidão e a morte que já se anuncia. O homem debilitado se revela em sua fraqueza aos amigos a quem revela

as agruras e compartilha a sensibilidade. Numa carta a Carlos Lacerda queixa-se do esquecimento do amigo em função de seu retorno a São Paulo:

Arre Carlos:

que isso também é demais! Te sinto no semi-esquecimento de mim, que só é semi porque te vejo e te palpito nos seus artigos agora também no *Diário da Noite* daqui. Esta separação jornalística Rio – São Paulo, aliás, está ficando cada vez mais insuportável. Jornais que chegam, que se a gente demora um pouco pra comprar “se acabou”, um inferno. Mas voltando a você: você está se constelacionando por demais, até parece que resolveu enriquecer, é trabalho muito e esquecimento muito dos amigos. Desde quando você não escreve mais! (FERNANDES. 1963, p. 83)

O afastamento dos amigos cariocas, com seu retorno a São Paulo, aprofunda ainda mais sua crise pessoal, em um momento de amargura e decepção com a vida cultural e política do país. Sua demissão do Departamento de Cultura de São Paulo, anos antes, por motivos não justificados, tem consequências desastrosas e definitivas na vida do homem de letras que a esse projeto dedica parte importante de sua energia criativa. Pode-se afirmar que jamais se recupera do golpe sofrido. O projeto do Departamento de Cultura o fez abrir mão da organização em livro do material musical recolhido em suas duas viagens ao Norte e ao Nordeste, a que dá o nome de *Na pancada do ganzá* (ANDRADE.1982<sup>e</sup>). Esse acervo só é reunido postumamente, por Oneyda Alvarenga, sua ex-aluna.

Em que pesem os problemas com a saúde, Mário de Andrade ainda tem fôlego para alçar alguns de seus últimos voos, dedicando-se à crítica musical, quando também elabora o romance *Quatro pessoas* (ANDRADE. 1985<sup>f</sup>), resultado de sua passagem pelo Rio de Janeiro, sinal da relação individualista pequeno-burguesa que recrudescer com a aspereza desses anos de cerceamento das liberdades. O fato é que a questão política interfere diretamente nos destinos de sua obra, na medida em que esta se aproxima do pensamento socialista, mesmo que não haja de sua parte uma prática direta, atitude esta assumida nesses tempos por outros intelectuais e artistas.

Por conta de sofrimentos e dificuldades sua vida ser pontilhada por momentos de dolorosa ironia, quando é obrigado a conviver com a falsidade dos colegas nos espaços de cultura, onde cargos e vantagens são disputados. Sem compactuar com a situação do favorecimento pessoal, impõe-se por seu valor, o que o torna alvo da inveja e da calúnia a que muitas vezes sucumbe. Daí o escritor refugiar-se na

amizade de uma geração ainda não contaminada pela vaidade perniciosa que grassa nos meios culturais. As queixas que acumula, ainda que em sua maioria decorrentes dos achaques da saúde, refletem o progressivo desgosto de quem destila toda a sua amargura e se sente premido em sua capacidade de ação, como nesta carta escrita a Murilo Miranda:

Murilo

estou num desses dias de gaveta em que até custa a gente se agüentar, desgostoso comigo, desgostoso com os outros e com tudo, exausto, fatigado, arqui-fatigado, incapaz, amargo, e você ajunte o dicionário das coisas intimamente ruins aqui. Se fosse nos meus saudosos tempos de exercício da felicidade, sei o que faria: nestas quinze horas de sol maravilhoso entrava na cama, ficava quietinho, não existia, acabava dormindo, me acordava lá pelas altas horas, me vestia, ia comer um bife com vinho forte na cidade. E amanhã estava bom. Mas não tenho nenhum motivo pra exercer felicidade à toa nem duodeno pra vinhos fortes. (ANDRADE. 1981<sup>9</sup>, p. 168-169)

O tom com que se queixa da vida se arrima na amizade consolidada. Ainda assim, as relações por vezes misturam amizade pessoal e atividade cultural. Mário de Andrade confere às situações da vida pretextos para abordar situações que envolvem sua posição diante do que considera como um acúmulo de desilusões desses tempos. Cada pedaço de conversa encerra quase sempre um ensaio sobre os muitos temas a que recorre em sua vasta memória, visitando os diversos escaninhos da atividade artística.

Nos anos que separam o exílio no Rio de Janeiro de sua morte, em 1945, a atividade epistolar concorre como elemento integrante de sua condição de crítico, o que de certo modo inviabiliza o trabalho do etnógrafo imbuído da missão de contribuir com o país catalogando um corpus do que chama de música nacional. Por sua vez, as cartas desse período denunciam um apego quase terminal aos amigos mais sinceros, espécie de porto seguro a que recorre, ante as intempéries de uma vida atormentada. Apega-se, sobretudo, à camaradagem dos cariocas, de quem desfruta de um lugar especial que sua condição de decano da cultura lhe confere, tentando revitalizar o ânimo criador e confessando fraquezas, como nesta carta a Moacir Werneck de Castro:

Primeiro vou deixar de beber como estava bebendo. Sempre bebi bastante na minha vida, mas com esta alcoolização constante, ou quem sabe a questão da idade, de uns tempos pra cá me acomete perder o controle, e mesmo, como na última passagem de ano e mais umas duas vezes, perder a consciência de mim. Daí me surgirem “casos” como este agora, que nunca apareceram em quarenta e cinco anos de existência. E estou decidido a ver se retomo uma vida mais humana, mais profunda. (CASTRO 1989, p. 182)

Os tempos mudam e a vida também. Os laços que unem o escritor aos amigos da *Revista Acadêmica* denunciam uma situação de angústia que passa a ser quase uma regra na vida de quem tanto doa de si e se torna refém de um ritmo de trabalho que já não lhe oferece o mesmo prazer.

### **Arte e cultura**

A produção de Mário de Andrade se desenvolve sob vários ângulos, a exemplo de seu convívio com as artes plásticas como complemento de sua atividade de escritor e pesquisador. Seu desempenho como crítico é desde sempre uma ponte de contato do colecionador interessado na obra de pintores como Anita Malfatti e Cândido Portinari.

O escritor que tantas vezes é retratado contribui para o fomento das artes plásticas com um dos muitos desdobramentos da efervescência modernista, funcionando como um grande mentor. Na verdade, a pintura é apenas mais um elemento valorizado pelo evento modernista a que Mário de Andrade recorre na condição de crítico. Com referência à correspondência com alguns desses artistas, os assuntos por vezes envolvem outros temas, mas ajudam a compor um panorama da arte brasileira como continuação da tensão criadora que o Modernismo deflagra.

O homem de letras dedica seu tempo ao debate sobre pintura, interferindo em sua diretriz. É curioso o tom, por vezes informal, de suas cartas, o que denuncia uma amizade fraterna, servindo como contraste à seriedade com que aborda questões referentes à sua preocupação em interferir nos destinos da arte e da cultura. De fato, Mário de Andrade assume uma postura quase obsessiva por tudo quanto se refere ao universo das artes, de que a pintura participa com elevado nível de importância. Em seu contato com pintores, sua correspondência diz respeito a um traço de nacionalidade que o Modernismo oferece como legado fundamental. Mário de Andrade encontra respostas que o ajudam a debater a questão. Fica claro

que sua posição por vezes se confronta com o perfil ideológico de artistas como Cândido Portinari, muito embora o transcurso do tempo se encarregue de politizá-lo a ponto de assumir posições bem definidas. Podemos assim recorrer a um trecho de sua correspondência com o pintor que aponta na direção de sua tarefa de artista interessado na produção de seu tempo:

Portinari,

Já tive notícia do sucesso de sua exposição e nem esperava outra coisa. Mas fiquei morto de curiosidade sabendo que você tem coisas novas e processos novos que ainda não conheço. Diabo! Se pudesse dar um pulo no Rio... Mas não posso mesmo, estou num posto importante que me deram na Prefeitura, imagine só: Diretor do Departamento de Cultura e Recreação. Vou criar bibliotecas populares, já estamos com três parques infantis para crianças de bairros operários, criando uma biblioteca infantil, organizando as grandes festas populares, dia da raça, fim de ano, carnaval, enfim, cuidando de tudo. Menos de mim, que vivo numa afobação danada, e por ter mudado completamente de vida, inquietíssimo, dormindo quase nada, comendo forçado, e já com uma acusaçõzinha dos rins. Mas hei de me defender em tempo, e espero fazer alguma coisa de que São Paulo se beneficie. Se fizer, a felicidade voltará, porque esse é meu destino mesmo, não viver pra mim, mas me dedicando por qualquer coisa. (ANDRADE.1995<sup>h</sup>, p. 49-50).

O contato de Mário de Andrade com a pintura brasileira se estende em função do Modernismo ter abarcado em seu projeto a participação de nomes como os de Tarsila do Amaral, Di Cavalcanti e Anita Malfatti entre os demais que confirmam a construção de uma tradição moderna. A legitimação da arte moderna esbarra na situação do país. Os novos postulados estéticos devem, no entanto, refletir sobre essa situação, sugerindo a incorporação dos valores externos das vanguardas ao aprofundamento da discussão sobre nosso atraso social secular.

Em Mário de Andrade, a questão cultural é matéria imprescindível ao conjunto dos temas postos em debate por meio de cartas, o que serve para manter um projeto ensaístico que não se esgota, tendo desdobramentos permanentes, a exemplo do que escreve a Enrico Bianco:

Veja bem, B: eu não exijo que você faça arte de combate. E muito menos que vá pôr uma bomba debaixo de Hitler ou de quem você quiser. A bem dizer, não existe uma arte de combata. Mas se não existe uma “arte de combate”, toda arte é essencialmente combativa por definição. Pois que ela

nunca foi um exclusivo problema de beleza; a beleza não é senão o elemento transpositor de que a arte se serve para funcionar dentro da vida humana coletiva. Eu não nego que existam exemplares e mesmo pequenas fases de arte (pequenas, note bem) que cuidam da realização exclusiva da beleza e da técnica estética, porém mesmo essas manifestações foram participantes, foram derrotistas, foram não-conformistas, foram anti-acadêmicas, foram sociais. (ANDRADE, 1995<sup>i</sup>, p.12 )

A condição de conhecedor de arte não exclui em Mário de Andrade o lugar da amizade pessoal, mesmo quando a crítica se apresenta severa, a exemplo desta carta a Anita Malfatti:

Não creio que o escolhido desejo de fazer um quadro com sabor de Debret lhe traga um quadro com sabor de Anita Malfatti. E eu, em você, prefiro mil vezes Anita Malfratti a Debret. E com essas escolhas ao léu das simpatias de momento, você não estará caindo um pouco na “arte pela arte”. Não se trata. Anita, me entenda bem, de fazer “moderno”, cubismo, *surrealisme* e coisas assim. Mas arte, que não é só beleza, por mais pensada, é feita com carne, sangue, espírito e tumulto de amor. Me desculpe, Anita dear, lhe dizer estas coisas, porque sei o quanto você tem sofrido por causa da arte, quanto tem refletido honestamente, quanto tem trabalhado. E não me esqueço também que a vida tem sido bastante adversa com você. Mas se você fizer a liquidação de seu passado, uma coisa lhe sobra sempre, este seu amigo, que, lhe juro, também tem sofrido por você e com você. (ANDRADE 1989<sup>j</sup>, p. 145-146).

A necessidade de se desdobrar em vários mários, em ser “trezentos”, como assegura no poema de abertura de *Remate de males*, (ANDRADE. 1972<sup>l</sup> ) acaba por conferir ao polígrafo a condição de crítico que consegue unir a suas observações a generosidade de amigo fraterno, de olhos e coração abertos para compreender as questões do mercado das artes, bem como as do mercado comum da vida.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. *O empalhador de passarinho*. São Paulo, Brasília: Martins, Instituto Nacional do Livro, 1972<sup>a</sup>.

\_\_\_\_\_. *Cartas a um jovem escritor*. Rio de Janeiro: Record, 1981<sup>b</sup>.

\_\_\_\_\_. *Poesias completas*. São Paulo, Brasília: Martins, Instituto Nacional do Livro, 1972<sup>c</sup>.

\_\_\_\_\_. *Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo*. Belo Horizonte: Vila Rica, 1991<sup>d</sup>.

\_\_\_\_\_. *Danças dramáticas do Brasil*. 3 vol. Belo horizonte, Brasília: Itatiaia, Instituto Nacional do Livro, 1982<sup>e</sup>.

\_\_\_\_\_. *Quatro pessoas*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985<sup>f</sup>.

\_\_\_\_\_. *Cartas de Mário de Andrade a Murilo Miranda*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981<sup>g</sup>.

\_\_\_\_\_. *Portinari, amico mio: cartas de Mário de Andrade a Cândido Portinari*. Campinas: Mercado de Letras, Autores Associados, 1995<sup>h</sup>.

\_\_\_\_\_. *Carta ao pintor moço*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1995<sup>i</sup>.

\_\_\_\_\_. *Cartas a Anita Malfatti*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989<sup>j</sup>.

\_\_\_\_\_. *Poesias completas*. São Paulo, Brasília: Martins, Instituto Nacional do Livro, 1972<sup>l</sup>.

CASTRO, Moacir Werneck de. *Mário de Andrade: exílio no Rio*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

FERNANDES, Lygia (org.). *71 cartas de Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1963.

MORAES, Marcos Antônio de (org.). *Mário e o pirotécnico aprendiz: cartas de Mário de Andrade e Murilo Rubião*. Belo Horizonte, São Paulo; Editora UFMG, IEB-USP, Giordano, 1995.

Valdemar Valente Junior  
Doutor em Ciência da Literatura (Poética)/ UFRJ/2003  
Professor Adjunto de Literatura Brasileira e Teoria Literária  
das Universidades Castelo Branco/UniverCidade